

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Interacção e perfis de comportamentos das crianças, pais e
enfermeiros durante a vacinação pediátrica**

Helga Pedro Caeiro da Silva de Faria

DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA

Especialidade de Psicologia da Saúde

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Interacção e perfis de comportamentos das crianças, pais e
enfermeiros durante a vacinação pediátrica**

Helga Pedro Caeiro da Silva de Faria

DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA

Especialidade de Psicologia da Saúde

Tese orientada pela Prof.^a Doutora Luísa Barros, especialmente elaborada para a
obtenção do grau de doutor em Psicologia da Saúde

2012

RESUMO

A vacinação é um procedimento doloroso administrado a todas as crianças em idade pré-escolar, durante o qual as crianças tendem a manifestar perturbação comportamental.

O Modelo Proximal-Distal do Confronto e da Perturbação da Criança durante Procedimentos Médicos Dolorosos (Blount, Bunke & Zaff, 1999) explica que as variáveis distais e proximais se relacionam entre si de forma a aumentar ou diminuir a probabilidade da criança manifestar perturbação comportamental ou confronto.

Este estudo centra-se nas variáveis proximais, ou seja, nos comportamentos durante o procedimento, tendo como objectivo geral contribuir para o estudo das interacções entre adultos e crianças portuguesas, durante a vacinação pediátrica.

Utilizámos uma adaptação do instrumento de observação CAMPIS (*Child-Adult Medical Procedure Interaction Scale - Revised e Short-Form*; Blount et al., 1997; Blount, Bunke, Cohen & Forbes, 2001) que permite classificar os comportamentos de todos os participantes. Observaram-se duzentos e vinte crianças (4-6 anos) vacinadas em Centro de Saúde por vinte e três enfermeiros, e os acompanhantes da criança. Os comportamentos dos participantes foram filmados, codificados e avaliados através do CAMPIS. O tratamento de dados incluiu a análise de variáveis e suas associações, o agrupamento de participantes (*clusters*) e o tratamento qualitativo de significações dos enfermeiros.

Os comportamentos dos pais e dos enfermeiros permitiram explicar 57% e 41% da variância de perturbação comportamental da criança. A maior parte dos participantes pertence ao *cluster* “Pouco Actuante”. Outros *clusters* dos adultos diferenciam-se em “Promotores de Confronto Activo”, “Promotores de Confronto Passivo” e “Securizantes”. *Clusters* menos numerosos distinguem pais “Críticos” e enfermeiros “Securizantes com Promoção de Confronto”. As crianças caracterizam-se como “Confrontantes”, “Resistentes” e “Comportamentalmente Perturbadas”. Os enfermeiros atribuem a perturbação da criança a factores intrínsecos, extrínsecos e contextuais à vacinação e a sua própria ansiedade a factores extrínsecos.

Os resultados evidenciam a associação dos comportamentos dos adultos durante a vacinação e a perturbação/confronto da criança. As associações entre os *clusters* dos adultos e das crianças corroboram o sentido dessas associações. As significações dos enfermeiros fornecem pistas complementares para um programa de formação profissional mais eficaz.

Palavras-chave: vacinação, crianças, enfermeiros, confronto, perturbação comportamental

ABSTRACT

Immunization is a painful procedure applied to all preschool children, during which children typically display distress.

The Proximal-Distal Model of Children's Coping and Distress During Acute Painful Medical Procedures (Blount, Bunke & Zaff, 1999) explains that proximal and distal variables seem to relate with each other in order to increase or decrease the likelihood of children displaying distress or coping.

This study focuses on the proximal variables, i.e., behaviours occurring during the procedure, with the purpose of studying Portuguese adults and children's interactions during paediatric immunization.

We adapted the Child-Adult Medical Procedure Interaction Scale (CAMPIS - Revised and Short-Form; Blount et al., 1997; Blount, Bunke, Cohen & Forbes, 2001) an observation instrument that allows the classification of all participants' behaviours. Two hundred and twenty preschool children immunized by twenty-three nurses, and their parents, were observed in the health department. Videotapes of the procedures were scored using CAMPIS. Data processing included the analysis of variables and their associations, the clustering of participants and the qualitative analysis of the nurses' meanings.

Parents and nurses' behaviours explained 57% and 41% of the child's distress variance. The majority of the participants belong to the cluster "Reduced Activity". Other adults' clusters differentiate between "Active Coping Promoters", "Passive Coping Promoters" and "Reassuring". Less numerous clusters identified "Critical" parents and "Coping Promoters with Reassuring" nurses. Children were characterized as being "Coping Users", "Resistant" and "Behaviourally Disturbed". Nurses attributed the child's distress during immunization to intrinsic, extrinsic and contextual factors and their own anxiety to extrinsic factors.

Results show the association between adults' behaviours during immunization and the children's distress and coping. Clusters associations between adults and children corroborate the direction of these associations. Nurses' meanings bring some complementary clues for a more effective professional training.

Key-words: immunization, children, nurses, coping, distress

*Ao João Faria,
a maior dádiva na minha vida,
E ao seu pai, Nuno Faria,
uma estrelinha que brilha no céu.*

Aos meus pais, com todo o carinho e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Professora Doutora Luísa Barros, por todo o tempo que dedicou no acompanhamento e na revisão deste trabalho, sugerindo soluções muito pertinentes para as dificuldades e ajudando a encontrar meios para superá-las, respondendo sempre de forma célere e minuciosa; pela capacidade de trabalho incomparável e uma clarividência que eu muito admiro e estimo.

João Faria, meu marido, que também ao longo deste estudo foi o meu grande companheiro; incansável no visionamento de parte das observações e no apoio estatístico, sem o qual este trabalho teria evoluído necessariamente noutro sentido; incentivador nos momentos mais difíceis, grande entusiasta nas conquistas e acima de tudo o maior crente nas minhas capacidades nos momentos em que delas duvidei. A minha mais profunda gratidão.

Francisca, minha mãe, pela ajuda que me deu em tarefas profissionais e pessoais, e à minha sogra, Maria João, na transcrição das reuniões, ambas dispensando-me maiores períodos de tempo para a realização deste trabalho; obrigada pelo carinho e pela preocupação, que em conjunto com o meu pai e o meu irmão, foram um aconchego emocional.

Graça Vinagre, pela compreensão da minha temporária indisponibilidade profissional, mas sobretudo pelo interesse neste trabalho, pelo incentivo e pelo carinho, próprios de uma verdadeira Amiga.

Prof.^a Dr.^a Ana Isabel Pereira, pelas preciosas orientações no tratamento estatístico.

Colegas Margarida Amador e Maria Sousa, pela ajuda na gravação das sessões de vacinação; Andreia Silva e Ana Rita Goes pelo visionamento de parte das vacinas.

Fundação para a Ciência e Tecnologia, pela atribuição da bolsa, indispensável para a realização deste trabalho.

Dra. Luísa Simões, Psicóloga que estabeleceu o contacto com o agrupamento dos centros de saúde, Directores Clínicos que consentiram a realização do estudo, e Enfermeiras-chefe que acreditaram na sua relevância e que o transmitiram à sua equipa.

A todos os Enfermeiros que corajosamente abriram as portas da sala de vacinação permitindo-me testemunhar e aprender com o seu trabalho; que encontraram disponibilidade, num contexto profissional tão dinâmico, de parar para reflectir, para se questionarem, para me ouvirem e aos colegas, e retirar desta experiência uma mais valia para a sua formação. Foram inspiradores no desejo de quererem ser melhores profissionais e muito generosos naquilo que me concederam.

A todos os pais e crianças que tão despretensiosamente confiaram em mim e colaboraram neste estudo, o meu muito obrigada.

Por fim, a si, que está a ler estas palavras porque este trabalho lhe suscitou algum interesse. Obrigada por me ajudar a concretizar o grande propósito deste estudo: divulgar a importância da actuação dos adultos durante a vacinação pediátrica!

ÍNDICE

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
ÍNDICE	v
INTRODUÇÃO	1
I PARTE - REVISÃO DE LITERATURA	5
I. MODELO PROXIMAL-DISTAL DO CONFRONTO E DA PERTURBAÇÃO DA CRIANÇA DURANTE PROCEDIMENTOS MÉDICOS DOLOROSOS	6
1.1. EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DA CRIANÇA ASSOCIADA A PROCEDIMENTOS DOLOROSOS BREVES COMO A VACINAÇÃO	10
1.2. VARIÁVEIS PROXIMAIS	16
1.3. VARIÁVEIS DISTAIS	26
1.3.1. Variáveis distais relacionadas com a criança	26
1.3.2. Variáveis distais relacionadas com os pais	36
1.3.3. Variáveis distais relacionadas com os enfermeiros	41
1.4. PROGRAMAS DE INTERVENÇÃO DIRIGIDOS PARA OS ENFERMEIROS	42
II. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA DOR, DA ANSIEDADE E DA PERTURBAÇÃO COMPORTAMENTAL NO CONTEXTO DA VACINAÇÃO PEDIÁTRICA	45
2.1. MONITORIZAÇÃO FISIOLÓGICA	46
2.2. AUTO-AVALIAÇÃO DA DOR E/OU DA ANSIEDADE DA CRIANÇA	46
2.3. HETERO-AVALIAÇÃO DA DOR E/OU DA PERTURBAÇÃO COMPORTAMENTAL DA CRIANÇA PELOS ADULTOS	50
2.4. ESCALAS DE AUTO-AVALIAÇÃO DA ANSIEDADE DOS ADULTOS	52
2.5. ESCALAS DE OBSERVAÇÃO DA PERTURBAÇÃO COMPORTAMENTAL DA CRIANÇA	53
2.5.1. OSBD	53
2.5.2. BAADS	54
2.5.3. CAMPIS	56
II PARTE - METODOLOGIA	64
2.1. OBJECTIVOS	64
2.2. VARIÁVEIS EM ESTUDO	65
2.3. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	66
2.3.1. DESENHO DO ESTUDO	66
2.3.2. AMOSTRA	67
2.3.2.1. Condições de elegibilidade dos participantes	67

2.3.2.2. Caracterização dos participantes	68
a) Crianças	68
b) Familiares das crianças	69
c) Enfermeiros	70
2.3.3. MEDIDAS: INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO ESTUDO	71
2.3.3.1. Inventário de caracterização da amostra	71
2.3.3.2. Escala de Auto-Avaliação da perturbação comportamental da criança - Escala de Faces	72
2.3.3.3. Escala de Auto-Avaliação da ansiedade dos adultos	73
2.3.3.4. Escalas de Hetero-Avaliação da ansiedade da criança pelos adultos	74
2.3.3.5. <i>CAMPIS - Child-Adult Medical Procedure Interaction Scale</i> .	75
a) Formato adoptado	76
b) Descrição dos códigos incluídos nas categorias do <i>CAMPIS</i> .	77
c) Cotação do <i>CAMPIS</i>	82
d) Dificuldades inerentes à cotação do <i>CAMPIS</i>	82
e) Treino inter-avaliadores	84
f) Características Psicométricas do <i>CAMPIS</i> no presente estudo	85
<i>Consistência interna das Categorias do CAMPIS</i>	85
<i>Correlação com outros Instrumento de Avaliação</i>	87
2.3.4. PROCEDIMENTO	88
III PARTE - RESULTADOS	92
3.1. ANÁLISE DESCRITIVA DAS VARIÁVEIS DISTAIS E PROXIMAS	92
3.1.1. VARIÁVEIS DISTAIS	92
3.1.1.1. História médica e de tratamentos anteriores da criança	93
3.1.1.2. Preparação da criança para a vacinação, realizada pelos pais .	93
3.1.1.3. Necessidade dos pais receberem informação prévia à vacinação	96
3.1.2. INDICADORES DE PROCESSO	97
3.1.2.1. Avaliação dos pais sobre a atitude dos enfermeiros e sobre o procedimento	97
3.1.2.2. Grau de satisfação dos pais com a actuação dos enfermeiros ..	99
3.1.3. VARIÁVEIS PROXIMAS - ANSIEDADE DOS PARTICIPANTES	99
3.1.3.1. Auto-Avaliação da perturbação comportamental da criança.....	99
3.1.3.2. Hetero-Avaliação da ansiedade da criança	100
3.1.3.3. Auto-Avaliação da ansiedade dos adultos	101
3.1.3.4. Comparação das avaliações da ansiedade entre os participantes	103

3.1.4. VARIÁVEIS PROXIMAIS - COMPORTAMENTOS DOS PARTICIPANTES	103
3.1.4.1. Categoria “Perturbação Comportamental” da criança	
a) <i>Percentagem de ocorrência de cada código</i>	104
b) <i>Intensidade da expressão dos códigos da categoria “Perturbação Comportamental” da criança, fase antecipatória</i>	105
c) <i>Intensidade da expressão dos códigos da categoria “Perturbação Comportamental” da criança, fase dolorosa .</i>	106
3.1.4.2. Códigos dos pais de “Activação da Perturbação Comportamental”	
a) <i>Percentagem de ocorrência de cada código</i>	107
b) <i>Intensidade da expressão dos códigos dos pais “Activação da Perturbação Comportamental”, fase antecipatória</i>	108
c) <i>Intensidade da expressão dos códigos dos pais “Activação da Perturbação Comportamental”, fase dolorosa</i>	108
3.1.4.3. Códigos dos enfermeiros de “Activação da Perturbação Comportamental”	
a) <i>Percentagem de ocorrência de cada código</i>	109
b) <i>Intensidade da expressão dos códigos dos enfermeiros “Activação da Perturbação Comportamental”, fase antecipatória</i>	110
c) <i>Intensidade da expressão dos códigos dos enfermeiros “Activação da Perturbação Comportamental”, fase dolorosa.....</i>	111
3.1.4.4. Códigos de “Confronto” da criança	
a) <i>Percentagem de ocorrência de cada código</i>	111
b) <i>Intensidade da expressão dos códigos “Confronto” da criança, fase antecipatória</i>	113
c) <i>Intensidade da expressão dos códigos de “Confronto” da criança, fase dolorosa</i>	113
3.1.4.5. Códigos dos pais “Promoção de Confronto”	
a) <i>Percentagem de ocorrência de cada código</i>	114
b) <i>Intensidade da expressão dos códigos dos pais “Promoção de Confronto”, fase antecipatória</i>	115
c) <i>Intensidade da expressão dos códigos dos pais “Promoção de Confronto”, fase dolorosa</i>	116
3.1.4.6. Códigos dos enfermeiros “Promoção de Confronto”	
a) <i>Percentagem de ocorrência de cada código</i>	116
b) <i>Intensidade da expressão dos códigos dos enfermeiros “Promoção de Confronto”, fase antecipatória</i>	117
c) <i>Intensidade da expressão dos códigos dos enfermeiros “Promoção de Confronto”, fase dolorosa</i>	119
3.1.4.7. Número de casos de participantes que não manifestaram nenhum comportamento codificável nos códigos da Grelha Observacional do CAMPIS	120

3.2. ANÁLISE CORRELACIONAL DAS VARIÁVEIS COMPORTAMENTAIS	121
3.2.1. RELAÇÕES ENTRE OS COMPORTAMENTOS DOS ADULTOS E A PERTURBAÇÃO COMPORTAMENTAL DA CRIANÇA	121
3.2.1.1. Comportamentos dos adultos de “Activação da Perturbação Comportamental” e sua associação com a “Perturbação Comportamental” da criança	121
3.2.1.2. Comportamentos dos adultos de “Promoção de Confronto” e a “Perturbação Comportamental” da criança	125
3.2.2. RELAÇÕES ENTRE OS COMPORTAMENTOS DOS ADULTOS E O CONFRONTO DA CRIANÇA	126
3.2.2.1. Comportamentos dos adultos de “Promoção de Confronto” e os comportamentos de “Confronto” da criança	126
3.2.2.2. Comportamentos dos adultos de “Activação da Perturbação Comportamental” e os comportamentos de “Confronto” da criança	129
3.3. ANÁLISE DE CLUSTERS	132
3.3.1. ETAPAS DA ANÁLISE DE CLUSTERS	133
3.3.1.1. Número de <i>clusters</i> sugeridos pela análise dos dendogramas resultantes da análise hierárquica	134
3.3.1.2. Análise dos coeficientes de determinação	135
3.3.1.3. Acordo (K de Cohen) com outro método de subdivisão de <i>clusters</i> não hierárquico (análise K-Means)	136
3.3.2. CARACTERIZAÇÃO DOS CLUSTERS DOS COMPORTAMENTOS DOS ADULTOS	138
3.3.2.1. Caracterização dos <i>clusters</i> formados pela solução óptima de 5 <i>clusters</i> para os pais	138
3.3.2.2. Caracterização dos <i>clusters</i> formados pela solução óptima de 5 <i>clusters</i> para os enfermeiros	141
3.3.2.3. Caracterização dos <i>clusters</i> formados pela solução óptima de 4 <i>clusters</i> para as crianças	145
3.3.3. COMPARAÇÃO DOS DIFERENTES CLUSTERS QUANTO À AUTO E HETERO-AVALIAÇÃO DA ANSIEDADE	148
3.3.3.1. Comparação dos <i>clusters</i> quanto à Auto-Avaliação da ansiedade	148
3.3.3.2. Comparação dos <i>clusters</i> quanto à Perturbação Comportamental da criança	149
3.3.3.3. Comparação dos <i>clusters</i> quanto à Hetero-Avaliação da ansiedade da criança e a Auto-Avaliação da ansiedade dos adultos (pais)	150
3.3.4. RELAÇÃO ENTRE OS CLUSTERS DE COMPORTAMENTOS DOS ADULTOS E DAS CRIANÇAS	151
3.3.4.1. Relação entre os <i>clusters</i> dos pais e das crianças	151
3.3.4.2. Relação entre os <i>clusters</i> dos enfermeiros e das crianças	152
3.3.4.3. Relação entre os <i>clusters</i> dos enfermeiros e dos pais	155

3.4. ANÁLISE QUALITATIVA	156
3.4.1. SIGNIFICAÇÕES DOS ENFERMEIROS RELATIVAMENTE AOS SINAIS DE ANSIEDADE DAS CRIANÇAS AO PROCEDIMENTO DE VACINAÇÃO	157
3.4.2. SIGNIFICAÇÕES DOS ENFERMEIROS ACERCA DOS MOTIVOS GERADORES DE ANSIEDADE DOS PAIS DURANTE A VACINAÇÃO PEDIÁTRICA	162
3.4.3. SIGNIFICAÇÕES ACERCA DAS CIRCUNSTÂNCIAS DA VACINAÇÃO QUE GERAM MAIOR ANSIEDADE AOS ENFERMEIROS	163
3.4.4. SIGNIFICAÇÕES RELATIVAMENTE AOS COMPORTAMENTOS DOS ENFERMEIROS DE ACTIVAÇÃO DA PERTURBAÇÃO COMPORTAMENTAL DA CRIANÇA	168
3.4.5. SIGNIFICAÇÕES RELATIVAMENTE AOS COMPORTAMENTOS DOS ENFERMEIROS DE PROMOÇÃO DE CONFRONTO DA CRIANÇA	172
3.4.6. SIGNIFICAÇÕES DOS ENFERMEIROS RELATIVAMENTE ÀS FONTES DE APRENDIZAGEM DAS ESTRATÉGIAS PARA AJUDAREM A CRIANÇA A LIDAR COM A ANSIEDADE DURANTE A VACINAÇÃO	174
IV PARTE - DISCUSSÃO	176
4.1. VARIÁVEIS PROXIMAS - ANSIEDADE DOS PARTICIPANTES	176
4.2. VARIÁVEIS PROXIMAS - COMPORTAMENTOS MAIS RELEVANTES DAS CRIANÇAS, DOS PAIS E DOS ENFERMEIROS	178
4.3. ASSOCIAÇÕES ENTRE OS COMPORTAMENTOS DOS PARTICIPANTES	184
4.4. PERFIS COMPORTAMENTAIS	
4.4.1. PERFIS COMPORTAMENTAIS DOS PAIS	193
4.4.2. PERFIS COMPORTAMENTAIS DOS ENFERMEIROS	196
4.4.3. PERFIS COMPORTAMENTAIS DAS CRIANÇAS	197
4.5. SIGNIFICAÇÕES DOS ENFERMEIROS	201
4.5.1. SIGNIFICAÇÕES SOBRE A ANSIEDADE DA CRIANÇA	201
4.5.2. SIGNIFICAÇÕES SOBRE A ANSIEDADE DOS PAIS	204
4.5.3. SIGNIFICAÇÕES SOBRE A ANSIEDADE DOS PRÓPRIOS ENFERMEIROS	205
4.5.4. SIGNIFICAÇÕES SOBRE OS COMPORTAMENTOS DE ACTIVAÇÃO DA PERTURBAÇÃO COMPORTAMENTAL	207
4.5.5. SIGNIFICAÇÕES SOBRE OS COMPORTAMENTOS DE PROMOÇÃO DE CONFRONTO	209
4.5.6. SIGNIFICAÇÕES SOBRE FONTES DE APRENDIZAGEM DOS COMPORTAMENTOS DE PROMOÇÃO DE CONFRONTO	210
V PARTE - CONCLUSÃO	211
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	226
ANEXOS	

ÍNDICE DE FIGURAS

I PARTE - REVISÃO DE LITERATURA

Fig. 1. O Modelo Proximal-Distal do Confronto e da Perturbação da Criança durante Procedimentos Médicos Dolorosos	7
Fig. 2. Posicionamento da criança durante a vacinação	22
Fig. 3. Oucher	48
Fig. 4. Escala de Faces	48

II PARTE - METODOLOGIA

Fig. 5. Faces apresentadas à criança para classificar o seu grau de perturbação ...	73
---	----

ÍNDICE DE TABELAS

I PARTE - REVISÃO DE LITERATURA

Tabela 1.1. Categorias do CAMPIS-R	57
Tabela 1.2. Estudos com o CAMPIS/CAMPIS-R no contexto da vacinação	59

II PARTE - METODOLOGIA

Tabela 2.1. Distribuição da idade das crianças por faixa etária	68
Tabela 2.2. Distribuição do número de vacinas administradas por enfermeiro(a) ..	70
Tabela 2.3. Categoria dos comportamentos da criança de “Perturbação Comportamental” do CAMPIS	79
Tabela 2.4. Categoria dos comportamentos da criança “Confronto” do CAMPIS	80
Tabela 2.5. Categoria dos comportamentos dos Adultos, pais e enfermeiros, de “Activação de Perturbação Comportamental”, adaptada ao presente estudo	80
Tabela 2.6. Categoria dos comportamentos dos Adultos, pais e enfermeiros, de “Promoção de Confronto”, adaptada ao presente estudo	81
Tabela 2.7. Índices de consistência interna para cada uma das categorias do CAMPIS	85
Tabela 2.8. Correlações entre a Categoria do CAMPIS “Perturbação Comportamental” da criança e as Escalas de Hetero-avaliação dos adultos e a Escala de Auto-avaliação da criança	87

III PARTE - RESULTADOS

Tabela 3.1. Tipo de preparação da criança para a vacinação, realizada pelos pais .	95
Tabela 3.2. Apreciação dos pais da actuação dos enfermeiros	97
Tabela 3.3. Numero de casos sem comportamentos codificáveis pelo CAMPIS	120
Tabela 3.4. Correlações entre a “Activação da Perturbação Comportamental” e a “Perturbação Comportamental”, durante a fase antecipatória	122
Tabela 3.5. Regressão múltipla tendo como variáveis predictoras os códigos dos adultos de “Activação de Perturbação Comportamental” e como variável dependente a “Perturbação Comportamental” da criança ...	123

Tabela 3.6. Correlações entre os códigos dos adultos “Promoção de Confronto” e os códigos “Confronto” da criança durante a fase antecipatória	127
Tabela 3.7. Correlações entre os códigos dos adultos “Promoção de Confronto” e os códigos “Confronto” da criança durante a fase dolorosa	128
Tabela 3.8. Correlações entre os códigos dos adultos de “Activação da Perturbação Comportamental” e os códigos “Confronto” da criança durante a fase antecipatória	129
Tabela 3.9. Correlações entre os códigos dos pais e dos enfermeiros e os códigos da criança, nas duas fases da vacinação	131
Tabela 3.10. Características dos 5 <i>clusters</i> dos pais: médias, testes estatísticos e comparações múltiplas	138
Tabela 3.11. Características dos 5 <i>clusters</i> dos enfermeiros: médias, testes estatísticos e comparações múltiplas	142
Tabela 3.12. Características dos 4 <i>clusters</i> das crianças: médias, testes estatísticos e comparações múltiplas	145
Tabela 3.13. Comparação das médias das ordenações das Escalas de Faces entre os <i>clusters</i> das crianças e dos pais	149
Tabela 3.14. Comparação de médias da Perturbação Comportamental entre os <i>clusters</i> dos pais	150
Tabela 3.15. Comparação de médias das Escalas de Hetero-Avaliação da ansiedade da criança entre os <i>clusters</i> dos pais	151
Tabela 3.16. Associações entre os 5 perfis dos pais e os 4 perfis das crianças: frequência absoluta, frequência relativa e testes estatísticos	152
Tabela 3.17. Associações entre os 5 perfis dos enfermeiros e os 4 perfis das crianças: frequência absoluta, frequência relativa e testes estatísticos	153
Tabela 3.18. Síntese das proporções mais significativas entre os perfis das crianças e dos adultos	154
Tabela 3.19. Associações entre os 5 perfis dos enfermeiros e os 5 perfis dos pais: frequência absoluta, frequência relativa e testes estatísticos	155
Tabela 3.20. Significações dos enfermeiros relativamente aos indicadores de ansiedade ou de perturbação comportamental das crianças durante a vacinação	157
Tabela 3.21. Significações dos enfermeiros acerca dos motivos subjacentes a diferentes reacções e níveis de ansiedade das crianças durante a vacinação	158
Tabela 3.22. Significações dos enfermeiros acerca dos motivos da ansiedade dos pais durante a vacinação pediátrica	162
Tabela 3.23. Significações dos enfermeiros acerca das circunstâncias da vacinação pediátrica geradoras de maior ansiedade	164
Tabela 3.24. Significações dos enfermeiros acerca das circunstâncias e dos motivos para manifestarem comportamentos de activação da perturbação comportamental da criança	169
Tabela 3.25. Significações dos enfermeiros acerca das circunstâncias e dos motivos para manifestarem comportamentos de promoção de confronto da criança	173
Tabela 3.26. Significações dos enfermeiros relativamente às fontes de aprendizagem das estratégias para ajudar as crianças a lidar com a ansiedade durante a vacinação	174

IV PARTE - DISCUSSÃO

Tabela 4.1. Síntese esquemática da relação entre os comportamentos dos adultos e a categoria de perturbação comportamental da criança	187
Tabela 4.2. Síntese esquemática da relação entre os comportamentos dos adultos e os comportamentos de promoção de confronto da criança	192

ÍNDICE DE GRÁFICOS

III PARTE - RESULTADOS

Gráfico 3.1. Auto-avaliação das crianças através da Escala de Faces	100
Gráfico 3.2. Ansiedade atribuída à criança pelos pais e pelos enfermeiros	100
Gráfico 3.3. Auto-Avaliação da ansiedade dos pais e dos enfermeiros	102
Gráfico 3.4. Percentagem de ocorrência dos códigos da “Perturbação Comportamental” da criança	104
Gráfico 3.5. Intensidade dos códigos da “Perturbação Comportamental” da criança, fase antecipatória	105
Gráfico 3.6. Intensidade dos códigos “Perturbação Comportamental” da criança, fase dolorosa	106
Gráfico 3.7. Percentagem de ocorrência dos códigos dos pais de “Activação da Perturbação Comportamental”	107
Gráfico 3.8. Intensidade dos códigos dos pais de “Activação da Perturbação Comportamental”, fase antecipatória	108
Gráfico 3.9. Intensidade dos códigos dos pais de “Activação da Perturbação Comportamental”, fase dolorosa	108
Gráfico 3.10. Percentagem de ocorrência dos códigos dos enfermeiros de “Activação da Perturbação Comportamental”	109
Gráfico 3.11. Intensidade dos códigos dos enfermeiros de “Activação da Perturbação Comportamental”, fase antecipatória	110
Gráfico 3.12. Intensidade dos códigos dos enfermeiros de “Activação da Perturbação Comportamental”, fase dolorosa	111
Gráfico 3.13. Percentagem dos códigos de “Confronto” da criança	112
Gráfico 3.14. Intensidade dos códigos de “Confronto” da criança, fase antecipatória	113
Gráfico 3.15. Intensidade dos códigos de “Confronto” da criança, fase dolorosa ...	113
Gráfico 3.16. Percentagem dos códigos dos pais de “Promoção de Confronto”	114
Gráfico 3.17. Intensidade dos códigos dos pais de “Promoção de Confronto”, fase antecipatória	115
Gráfico 3.18. Intensidade dos códigos dos pais de “Promoção de Confronto”, fase dolorosa	116
Gráfico 3.19. Percentagem dos códigos dos enfermeiros de “Promoção de Confronto”	117
Gráfico 3.20. Intensidade dos códigos dos enfermeiros de “Promoção de Confronto”, fase antecipatória	118

Gráfico 3.21. Intensidade dos códigos dos enfermeiros de “Promoção de Confronto”, fase dolorosa	119
Gráfico 3.22. Perfis comportamentais dos 5 <i>clusters</i> dos pais	139
Gráfico 3.23. Perfis comportamentais dos 5 <i>clusters</i> das interações dos enfermeiros	143
Gráfico 3.24. Perfis comportamentais dos 4 <i>clusters</i> das crianças	146